

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIA SOBRE UMA LASCA-NÚCLEO DA LAPA DA RAINHA, VIMEIRO.

PENALVA, C.; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1979 | Número: 89

Como citar este documento:

PENALVA, C.; FERREIRA, O. da Veiga, Notícia sobre uma lasca-núcleo da Lapa da Rainha, Vimeiro. *Revista de Guimarães*, 89 Jan.-Dez. 1979, p. 265-273.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Nota sobre uma lasca-núcleo da Lapa da Rainha (Vimeiro)

Por C. PENALVA e
O. DA VEIGA FERREIRA

I — Introdução

As escavações metódicas feitas nesta gruta datam de 1968 e 1969 e foram feitas por um dos signatários da presente nota (V. F.) com a colaboração de J. Roche. Uma nota preliminar sobre estas pesquisas foi já publicada (V. F. e al. 1970).

As principais grutas da região situam-se no mesmo vale das Termas cujo rio Alcabrichel desagua no mar, em Porto Novo.

Abrem-se estas grutas ou abrigos nos calcários jurássicos cuja idade pode atingir os 200 milhões de anos. Estas grutas conhecidas, são a do Sapateiro, (Zby. e A. Viana, 1949), a Pedra do Sino, a montante das Termas, e a Lapa da Rainha, aberta no topo dos calcários da crista Este do vale por cima do Balneário das Termas.

II — A Lapa da Rainha

A Lapa da Rainha ou do Cabeço da Rainha, como também é conhecida, é uma diaclase alargada de planta sinuosa que tinha a sua primitiva entrada voltada para o local onde se encontra hoje a oficina de engarrafamento das águas do Vimeiro.

Há anos, a sala do fundo da gruta, ficou a descoberto por um tiro de pedreira. Esta sala, e parte do corredor, foi pesquisada antigamente pelo pessoal do Museu de

Belém. O emérito arqueólogo torrejense, Leonel Trindade, recolheu nos escombros deixados por aqueles investigadores, algum material, sobretudo fauna quaternária.

Nos trabalhos efectuados em 1968 e 1969 podemos apresentar o seguinte corte estratigráfico:

- a) Terras superficiais ou misturadas (0,10 a 1,00 m).
- b) Terra cinzenta clara muitas vezes concrecionada-solo antigo da gruta (0, 05 m).
- c) Terras castanhas argilo-arenosas. Na base traços de ocupação humana (fundos de cabana-indústrias, paleolíticas, fauna pliocénica (0,50 m., terminando a 4 m. da verdadeira entrada da gruta).
- d) Leito de calhaus informes formando «cuvette» ou grande «poche» na região central da galeria. O homem paleolítico instalou-se sobre este leito. Ocupação intensa no centro da «cuvette» (0,25 m).
- e) Argila arenosa avermelhada passando cada vez mais a verdadeira argilá. Bolsadas de argila clara. Na base terras cada vez mais arenosas: Não há ocupação humana. Fauna pliocénica em especial *Hyena* das cavernas (1,80 m).
- f) Vestígios do terraço fluvial (areias finas e calhaus rolados). Estes sedimentos penetraram, na gruta no Riss-Wurm (0,45 m).
- h) Solo calcário da gruta (Jurássico).

III — Indústria

A indústria recolhida, embora reduzida, permite classificar o conjunto como um Mustero-aurinhacense, passagem do Mustierense final ao Aurinhacense inferior.

IV — Adorno

O adorno é constituído por falanges de suídeo perforadas e por um dente de cervídeo, trabalhado em pérola com perforação, como os dentes de rena do Paleolítico

superior da França (Madalenense) (Hensel, 1957). No Mesolítico de Muge (Cabeço da Amoreira), (Roche, 1951), também foi descoberto um dente deste tipo. Além disto também se encontraram contas de concha de *Litorina obtusata*, como na gruta das Salemas em Ponte de Lousa. [V. F. e al. 1962].

V — Fauna

A fauna apresenta uma associação do Würm deveras interessante. Identificamos: *Dicerorhinus kirchbergensis* KAUP, *Hyaena crocuta* L. raça *spelaea* GOLD, *Ursus arctos* L., *Felis pardus* L., *Felis pardina* OKEN, *Bos primigenius* BOJ., *Equus caballus* L., *Canis lupus* L., *Cervus elaphus* L., *Cervus capraeolus* L., *Vulpes vulpes* L., *Meles taxus* SCHEREB., *Sus scrofa* L., *Lepus timidus* L., *Oryzolagus cuniculus* L., *Arvicola amphibius* DESM., *Vespertilio murinus* L., *Myotis* sp., *Rhinolophus ferrum-equinum* L., *Pyrrocorax alpinus* KOCH, *Corvus monedula* L., *Athene noctua* L., *Rana*, sp., *Patella coerulea* L., *Cardium edule* L., *Tapes decussata* L.

Pelo estudo da fauna podemos compará-la com a da Gruta da Furninha em Peniche. Podemos também dizer que numa época periglacial a gruta constituiu um refúgio da *Hyena* das cavernas.

Por último, acrescentamos que foram encontrados quatro incisivos humanos de um homem do Paleolítico superior (Aurinhacense?).

VI — Descrição da lasca-núcleo

A peça agora estudada define-se por uma lasca de dimensões excepcionais, talhada num sílex zonado de cor acinzentada com manchas castanho claro, de estrutura fina e compacta, apresentando um formato sub-triangular, com um dos bordos laterais de curvatura convexa, sendo o outro, rectilíneo, proveniente de talhes que truncaram o mesmo.

Atendendo ao seu aspecto, considerando a isenção de esmagamento das suas arestas, e ainda, tomando em consideração as dimensões dos negativos, consideramos

esta peça como sendo uma lasca-núcleo. As suas dimensões são de 225 mm de comprimento, 170 mm de largura e 65 mm de espessura.

Tendo em vista a sua classificação tipológica pensamos dever atribuí-la a um contexto mustero-aurinhacense, devido a factores de vária ordem que tentaremos em seguida enunciar.

Em primeiro lugar é de atender ao conjunto do material recolhido nesta fruta, e do qual esta lasca-núcleo é parte integrante. Este material foi classificado como tendo um aspecto marcadamente aurinhacense. Em segundo lugar, esta peça apresenta a coloração do sílex típico dos instrumentos do Paleolítico superior. Em terceiro lugar, o seu aspecto tipológico, denota nítidas semelhanças com as características mustierenses, que iremos realçando à medida que formos descrevendo esta peça.

Talão

O talão apresenta-se de formato sub-rectangular alongado, com um comprimento total de 152 mm e 60 mm de largura máxima.

A sua superfície é ocupada por sete lascamentos, facto que lhe confere uma característica marcadamente mustierense, tratando-se pois, de uma plataforma de percussão preparada.

De esses sete lascamentos, o maior serviu de plano de percussão, notando-se o estigma, ou ponto de impacto do percutor activo. Pela sua dimensão, este lascamento maior, foi o último a ser executado, justapondo-se aos outros que se encontram em posição lateral.

Anverso

O anverso apresenta três grandes talhes paralelos ao eixo maior da lasca-núcleo extraídos a partir do talão. Nota-se ainda um outro talhe de reduzidas dimensões, sobre o qual faremos referência após a descrição dos três primeiros. Estes apresentam-se de tamanhos e formatos diferentes entre si. Se observarmos o primeiro, situado

à esquerda do anverso, notamos a existência de alguns ressaltos, não angulosos mas de aspecto ondulante, resultante das vibrações provocadas pelo impacto do percutor activo, no final do seu curso de percussão. Estas ondulações são características nas lascas que apresentam uma certa espessura, e um comprimento apreciável. No caso deste negativo, as dimensões são de 74 mm de comprimento, 54 mm de largura e 10 mm de espessura.

A lasca central, que é a maior de quantas se extraíram a partir do talão, sobrepõe-se às outras em tamanho, em especial na sua metade inferior, onde se alarga para os lados, até os bordos laterais da lasca-núcleo, ocupando a metade inferior do anverso, e sobrepondo-se às outras duas que a ladeiam.

Junto ao talão, nota-se com nitidez os vincos que demarcaram a zona ocupada pelos negativos do cone e do bulbo. Em seguida observa-se uma zona mediana de aspecto liso. A partir deste ponto, sensivelmente a meio do anverso, a lasca alarga-se, e ocupa quase a totalidade da zona talhada.

Na sua parte distal, junto à faixa da superfície cortical, observam-se algumas ondulações concêntricas, provenientes dos efeitos produzidos pelo curso do percutor activo, tal como aconteceu na extracção da primeira lasca já descrita.

Junto da zona cortical, na extremidade distal da zona talhada, notam-se algumas fracturas, em especial na junção com a superfície cortical já referida. Estas características são comuns, em lascas de tão grandes dimensões como é esta que estamos descrevendo, pelo que além das ondulações já referidas, notam-se por vezes estas fracturas de talhe. A razão da sua existência, é explicável, pois quando a largura da parte distal de uma lasca é grande, além das ondulações orientadas segundo a linha de percussão, poderá acontecer que em posição lateral, a lasca sofra um processo não de lascamento, mas de estalamento, produzido no acto da sua separação com o núcleo principal. Produzem-se assim fracturas do tipo «en gradín» com arestas vivas. Quanto maior for a lasca, mais este fenómeno se torna visível, tal como iremos observar no reverso, que constitui o plano de separação desta lasca-núcleo.

A fim de melhor elucidarmos este facto, diremos que

as dimensões da lasca central são de 175 mm de comprimento, 160 mm de largura e 15 mm de espessura. A largura da mesma junto ao talão é de 65 mm.

A terceira lasca, extraída de uma forma paralela às outras duas já descritas, tem como dimensões, 115 mm de comprimento, 45 mm de largura e 0,80 mm de espessura. Ela situa-se junto do bordo lateral direito do anverso, ocupando 4/5 do mesmo. O 1/5 restante, refere-se a uma pequena lasca, extraída a partir deste bordo de fora para dentro, tal como as outras, e tem como dimensões, 34 mm de comprimento, 34 mm de largura, e 10 mm de espessura. Ela constitui o quarto lascamento desta face da lasca núcleo.

Bordos laterais

O bordo lateral esquerdo, é ocupado por uma superfície cortical, que se estende desde o talão até à parte distal da lasca-núcleo, começando por uma faixa delgada, que se vai alargando progressivamente, até o eixo maior da peça, adelgaçando-se em seguida, e terminando na base do bordo lateral direito, limitando este, por dois talhes. Esta superfície cortical apresenta algumas concreções calcárias.

O bordo lateral direito, que deveria ter tido uma curvatura semelhante à do esquerdo, encontra-se truncado, conforme já referimos, por dois talhes, tendo um possivelmente servido de plano de percussão ao maior.

Assim, junto ao talão, o artífice procedeu a um lascamento, que é dos dois o de dimensões mais reduzidas, apresentando uma forte curvatura que se expressa por um ângulo bastante fechado (pouco mais de 90°), habilitando-o assim a executar um segundo lascamento, de maiores dimensões. A lasca mais pequena tem 37 mm de comprimento, 33 mm de largura e 15 mm de espessura. A lasca maior, que ocupa uma parte substancial do bordo lateral direito, tem 145 mm de comprimento, 45 mm de largura e 20 mm de espessura.

Reverso

O reverso é constituído pelo plano de separação da lasca-núcleo. A inclinação da plataforma de percussão e do plano de separação forma um ângulo de 110° .

A razão para a existência deste ângulo, deve-se à técnica empregada para a separação da lasca-núcleo do bloco original, ou núcleo principal. Com efeito, uma lasca com as dimensões que esta apresenta, não poderia ser extraída por percussão directa, mas por percussão de balanço ou seja por via da utilização dum tripé, ou por arremesso, tal como teria sido praticada pelos clactonenses.

Segundo este processo de lascamento, o bloco a talhar chocaria de raspão com o percutor passivo (bigorna), mas com um ângulo de incidência suficiente, para daí resultar a extracção duma grande lasca, apresentando um ângulo agudo bastante acentuado. No caso presente, pensamos que a técnica de arremesso teria sido utilizada, dado que o uso dum tripé resultaria, em princípio, um ângulo mais agudo do que no presente caso (110°).

O cone e subsequente bulbo estão bem demarcados, atestando a violência do contacto entre os percutores passivo e activo. O bulbo apresenta como dimensões, 90 mm de comprimento, 75 mm de largura e 25 mm de altura, o que é verdadeiramente excepcional.

Na região bulbar, observa-se uma aresta transversal a toda a largura, resultante de dois talhes patentes na sua metade inferior dispostos em posição paralela. Estes talhes são, quanto a nós, mais um indício da tradição de talhe mustierense, que presidiu à confecção desta lasca-núcleo, pois poderão definir-se como dois talhes de equilíbrio, destinados não só a adelgaçar a peça, como ainda a dar-lhe um sentido de estética. Estes talhes são comuns na feitura de peças mustierenses, eliminando, por vezes totalmente o bulbo de percussão, as peças de dimensões mais reduzidas.

A finalizar a descrição desta peça, não queremos deixar de fazer referência à existência de estalamentos que se localizam no bordo direito do, reverso, resultantes das razões já mencionadas, quando da descrição do anverso. Estes estalamentos são aqui mais numerosos e evidentes

do que na outra face, pois trata-se da zona de separação da própria lasca-núcleo. Devemos ainda fazer referência a alguns talhes que ocupam a base do reverso, e cujas lascas serviram seguramente para instrumentos de pequeno porte.

VII — *Conclusões*

A existência de lascas-núcleo de grandes dimensões nos Paleolítico médio e superior do nosso País, são pouco frequentes, tendo em conta as características que esta apresenta, o mesmo já não sucedendo noutros países da Europa, nomeadamente em França. No entanto, no continente africano, elas são bastante frequentes no Paleolítico inferior.

Com efeito, podemos detectá-las no Acheulense da África oriental, tal como as do tipo Kombewa I e II.

Estas lascas-núcleo diferem desta, objecto do nosso estudo, pelo facto de apresentarem bolbos duplos, localizados um em cada face.

No nosso País, é raro encontrar-se uma lasca-núcleo destas dimensões, em especial, numa época tão avançada do Paleolítico. Foram as suas características excepcionais, que nos levaram a dedicar-lhe esta pequena nota monográfica.

BIBLIOGRAFIA

- Ferreira, O. da Veiga, Roche, J. França J. Camarate e Zbyszewski G. (1962) Le paleolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLVI, Lisboa
- Ferreira O. da Veiga, Roche J., Santos M. F. dos e Almeida de F. (1970) Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro), *I Jornadas Arqueológicas da Assoc. Arq. Portugueses*, Lisboa
- Hensel, Witold, (1957) — Sztuka Społeczeństw Paleolitycznych, Warszawa
- Roche, J. (1951) — L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge), Porto
- Zbyszewski, G- e Viana Abel, (1949) — Grutas de Macieira (Vimeiro)», *Trab. Antrop. e Etnol.* vol. XII, fasc. 1-2, Porto.

Palavras Chave: Lasca-Núcleo
Mustero-Aurinhacense
Lapa da Rainha
Portugal

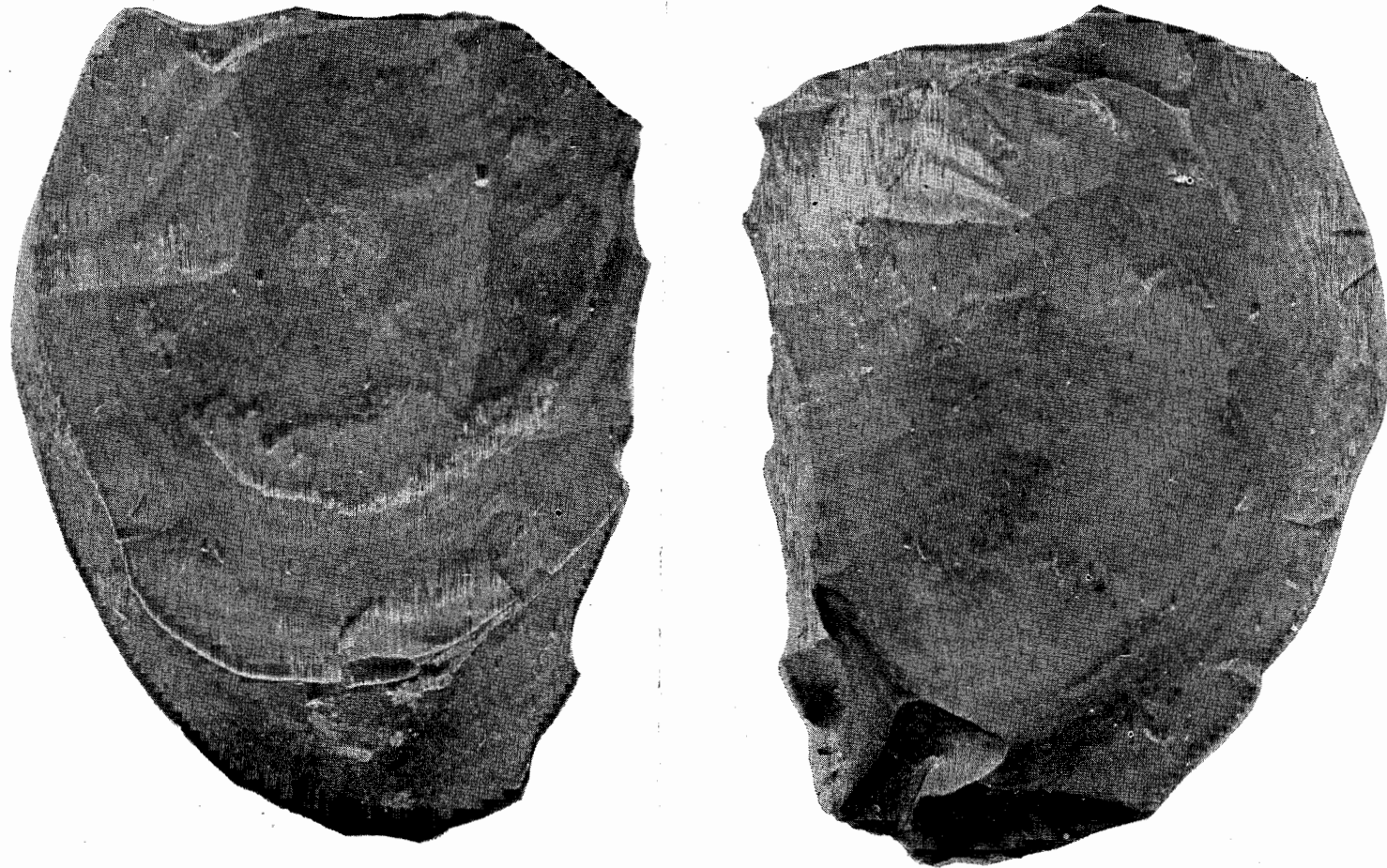


FIG. 1—ANVERSO E REVERSO DA LASCA-NÚCLEO ESCALA—1/2